



**TARBALHO DE CONCLUSÃO DA PÓS GRADUAÇÃO LATU SENSU:  
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS  
TURMA 11\_2017/2018**

**MEMORIAL DA MINHA VIDA**

**MINHA HISTÓRIA POR MINHAS MEMÓRIAS**

**Contação de histórias e a relação com o contexto “sociocultural” vivências e experiências de uma professora**

**LUIZA RIBEIRO DE OLIVEIRA SANTANA**

**SÃO PAULO**

**2022**

LUIZA RIBEIRO DE OLIVEIRA SANTANA

**MEMORIAL DA MINHA VIDA**

**MINHA HISTÓRIA POR MINHAS MEMÓRIAS**

**Contação de histórias e a relação com o contexto sociocultural: vivências e experiências de uma professora**

SÃO PAULO

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial agradeço à minha mãe, dona Lourdes, ao meu pai, seu Zeca, e a toda a minha família. Também não posso deixar de agradecer a minha amiga Auristela presente de Deus, que com palavras de apoio, motivação e carinho seguiu firme comigo nessa jornada de escrita e aprendizado. Agradeço a generosidade do aceite do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Giuliano Tierno de Siqueira e da Prof<sup>a</sup> Me Nordeci de Lima Silva, para serem os leitores do meu TCC, Memorial da minha vida. E também meu agradecimento especial a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ângela Caselo Branco.

*“Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais”.*

*(Almir Sater)*

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. INTRODUÇÃO	7
3. A INFÂNCIA COM MINHA FAMÍLIA: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO MAGISTÉRIO	8
4. O CONTEXTO DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA	16
5. COMO ME TORNEI UMA PROFESSORA CONTADORA DE HISTÓRIAS	18
6. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade.	24

## **1. APRESENTAÇÃO**

A prática de contação de histórias se apresenta como uma das mais antigas formas para se absorver os valores praticados no convívio humano e social, como também, para melhor compreender as condutas que regem as comunidades em que se insere.

Para ilustrar essa prática, trago aqui o registro de minhas memórias por meio de um Memorial Descritivo que relata fatos da minha trajetória pessoal, familiar, acadêmica e profissional, dentro de um contexto histórico e sócio-cultural.

A cronologia dos fatos tem início na localidade Vereda, no município de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí, região do semiárido nordestino.

Os acontecimentos foram tomando forma naturalmente, à medida que as recordações se renovaram e se entrelaçaram em minha memória, formatando e materializando-se em toda a minha trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional.

Neste trabalho procurei descrever um pouco do meu percurso de vida pessoal, acadêmico e profissional, dentro de um determinado contexto histórico-sócio-cultural demonstrando, assim, a relação da contação de histórias na construção de uma subjetividade que contribui para o processo contínuo de ensino-aprendizagem.

## **2. INTRODUÇÃO**

Para BUSATTO (2006, p.20), "o conto da literatura oral se perpetuou na história da humanidade por meio da voz dos contadores de histórias". O autor relata a importância que os povos indígenas atribuíam aos círculos para contar os acontecimentos do passado de seu povo para as gerações, como forma de perpetuar costumes e ensinar valores.

É nesse contexto que decidi escrever um memorial de vida, a fim de contar a minha história e compartilhar a construção da minha identidade, tanto como pessoa e como profissional, relacionando a vivência da contação de histórias na minha infância e profissão.

Os pontos positivos serão ressaltados, mostrados como libertação de traumas adquiridos em minha trajetória, o que me tornaram ainda mais forte diante dos desafios que foram aparecendo em minha caminhada pessoal, acadêmica e profissional.

Neste memorial serão descritos os fatos que contribuíram para a minha construção como pessoa, menina, mulher, mãe, professora e sonhadora, pois trata de um passado que ensinou e motivou uma família pobre a seguir em frente e buscar as mudanças necessárias para a construção de uma vida digna.

A prática de contar histórias tornou-se um recurso valiosíssimo e essencial, configurando como o único meio de instrução usado por meus pais para instruir e orientar sobre valores, princípios, moral e ética, já que mesmo não sendo alfabetizados, viam a educação como o único caminho para a libertação daquela situação de extrema pobreza.

A escolha do tema se deu com intuito de demonstrar a contribuição da contação de histórias como um instrumento transformador para a criança, usando minha história como caso prático por meio deste memorial.

Neste trabalho será enfatizada a importância da prática de contar histórias, a qual pode ser utilizada pelos educadores nos seus trabalhos pedagógicos

valorizando e/ou enriquecendo o processo da aprendizagem com mais possibilidades.

Da mesma forma, espero que as experiências expostas neste trabalho venham a auxiliar os leitores que se interessarem em utilizá-lo como fonte de pesquisa.

### **3. A INFÂNCIA COM MINHA FAMÍLIA: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO MAGISTÉRIO**

Nasci na localidade Vereda, no município de São Raimundo Nonato, estado do Piauí, em uma pequena casa de taipa. Coberta com telhas e com paredes de barro, feita pela minha mãe e minha tia Maria, a única irmã de meu pai, e chão batido, durante uma noite escura, “pelas mãos” da parteira conhecida como Mãe Joana e de minha avó Luiza.

Embora a maior parte das mulheres do interior, naquela época, tivesse seus filhos assistidos por parteiras, o cenário de parto em casa, feito com auxílio de parteiras, configurava o quão necessitadas e desassistidas eram as mulheres pobres do interior.

Minha mãe não teve um parto muito fácil e passou por momentos que precisavam de mais cuidados. Contam que a parteira e a minha avó foram cuidar primeiramente dela e me deixaram no chão, sobre uma esteira de palha e ao me pegarem eu estava roxa, com muito frio e, conseqüentemente, fiquei muito doente. Começava ali o meu primeiro desafio de sobrevivência.

As complicações davam sinais de que era difícil uma criança sobreviver naquela situação, visto que o atendimento médico e hospitalar era muito difícil e distante, já que morávamos no interior e sem acesso a quase nada.

No início fui tratada com remédios caseiros os quais não surtiram efeito. Após chorar três meses dia e noite, meus pais me levaram ao médico em São Raimundo Nonato, dois dias de viagem em animais. Segundo os relatos de meus pais, contrariando as expectativas negativas de sobrevivência que já se configuravam entre os familiares e conhecidos, sobrevivi.

A origem do meu nome deu-se em função dessa situação, pois para muitos eu não sobreviveria. Foi baseado nas crenças populares, que sugeriram o nome de

Luiza, pois acreditavam que esse é um nome de guerreira e que, assim, eu lutaria pela vida.

Para o meu pai, além da crença do poder do nome, Luiza era o nome da minha avó que na sua fé inabalável rezava, juntamente com minha tia Maria a “Didia” e minha mãe, pela minha saúde e pela minha vida, incessantemente.

Tempos depois passamos a morar em uma casa maior e mais confortável, com paredes de tijolos e coberta com telhas, entretanto sem qualquer fonte de renda que não girasse em torno do cultivo da terra. Eram tempos de muita seca.

Com o nascimento de mais filhos e em meio aos impactos da acirrada seca da época, meus pais foram obrigados a deixar nossa casa e ir morar em uma casa velha situada nas proximidades de um riacho para garantir a água para a nossa sobrevivência.

Nessa época, na minha infância, eu e minha família vivíamos abaixo da linha da pobreza, porém, eu tinha como uma das minhas fontes de inspiração e motivação, para seguir em frente, as histórias de “Trancoso” contadas pela minha mãe, sob o luar do sertão nordestino.

Minha mãe não tinha idéia que suas histórias de Trancoso se referiam aos contos e histórias do autor português Gonçalo Fernandes Trancoso, criador do gênero narrativo em forma de conto, porém a sua atitude corrobora, para a perpetuação da prática de contar histórias, ou seja, as histórias de Trancoso transcenderam ao mundo dos letrados.

À noite, após um dia cansativo de trabalho na roça e após o trato dos animais, antes de irmos dormir sentávamos ou nos deitávamos no quintal, chamado no interior de terreiro, em esteiras de palhas para ouvir as histórias.

As histórias eram contadas para nosso entretenimento, como também, para inculcar valores e demonstrar lições de vida, ou seja, as histórias eram contadas como forma de ensinamentos e, conseqüentemente, essas histórias me encorajavam e me enchiam de sonhos e coragem.

Minha mãe contava uma história em especial, que me fazia esquecer o quanto éramos pobres e pensar que tudo poderia mudar. Essa história dava conta de duas mulheres, uma rica e uma pobre. A mulher pobre trabalhava na casa da mulher rica fazendo pão e todos os dias antes de ir embora, ela amassava o pão para assar no dia seguinte e não lavava as mãos. Ao chegar à sua casa, seus filhos

vinham ao seu encontro com muita fome, então ela lavava as mãos em uma panela e fazia um mingau com a massa do pão que restava em suas mãos e, assim, os alimentava.

Quando lembro dessa história e dessa época, faço uma relação com o livro “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, em especial à saga de Chico Bento e sua família que passam muita fome e dificuldades inimagináveis por conta da seca.

[...]Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujos dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.  
– Mãezinha, cadê a janta?  
– Cala a boca, menino! Já vem!  
– Vem lá o quê!...  
Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos...nem um triste vintém azinhavrado [...] (QUEIROZ, 2010, p.52)

Mais ou menos aos seis anos de idade, iniciei meus estudos na localidade Vereda, com a professora Emília Oliveira, também conhecida como Milu. Ela fazia a leitura cantada, ensinava por meio de cópias. Essa prática era usada para todas as séries. O grau de dificuldade era de acordo com a série, configurando-se uma atividade permanente do mês.

Poucas lembranças ficaram dessa época. Recordo-me que a escola ficava na casa da professora, pois naquela época não havia unidades escolares no interior. Ela era tia do meu pai e exercia sua autoridade com fervor em sala de aula, usando a palmatória como maneira de repreensão quando os alunos erravam a tabuada. Lembro-me o quanto eu tinha medo dela e que fiquei extremamente feliz e aliviada quando nos mudamos daquela localidade.

Como já mencionei fomos morar em outra localidade bem distante, chamada Oiti, nas proximidades do povoado São Lourenço do Piauí, entretanto como a escola convencional ficava muito distante de casa, continuei estudando, juntamente com meus irmãos José Luiz e Valdeilton, em uma escola na casa do senhor José Batista, aulas ministradas pela sua sobrinha Leonice. Ela assim como a professora Emília ensinava porque sabia ler e escrever, porém, não eram professoras formadas, embora, tivessem o dom da docência e, com isso, eram apadrinhadas por políticos.

Aos dez anos de idade ingressei na primeira série, na Unidade Escolar Malaquias Ribeiro Damasceno, escola convencional do povoado São Lourenço do

Piauí, que anos depois foi emancipado e atualmente é um município em desenvolvimento.

Quando cheguei à escola não sabia ler, mas já sabia todas as capitais dos estados do nosso país e tinha muita vontade e curiosidade em aprender. Era inteligente e dedicada e logo aprendi a ler e a escrever. Naquela época aquela escola só aceitava aluno na primeira série se soubesse ler e escrever.

Recordo-me que fiquei um mês na primeira série, eu era boa copista e tinha uma caligrafia bem legível, mas não conseguia ler e por esse motivo não respondi às questões da prova. E como era norma da época a professora, por sua vez, regressou-me para a Cartilha, que correspondia à Pré-escola, sob a alegação de que eu não sabia ler e não tinha o conhecimento necessário para cursar a primeira série. O que representou meu primeiro “tombo” na minha trajetória estudantil.

Embora aquela situação tivesse me deixado bastante constrangida, na turma da Cartilha “Caminho Suave”, para a qual regressei, eu sabia tudo. Lembro-me que a professora Marieta Damasceno Ribeiro de Matos me acolheu com empatia e afetividade. Lá eu conseguia fazer todas as atividades propostas e também logo aprendi a ler e a escrever, e também fazia lindos desenhos, inclusive o desenho de uma casa, o qual tenho na minha memória afetiva até hoje e sempre o faço para representar algo especial. Entretanto foi bem constrangedor lidar com os alunos da primeira série me chamando de burra por ter retrocedido para a Cartilha.

Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária.”

Na metade do ano mudei-me para a cidade de São Raimundo Nonato-PI, onde fui trabalhar como babá, com mais ou menos 10 anos de idade, em troca de comida e um caderno para ir à escola.

Passei a estudar na Unidade Escolar José Leandro de Castro, onde conheci a professora Fátima que me achou bem inteligente. Em alguns momentos, demonstrava cuidado e carinho.

Fazendo uma leitura daquela menina, que estava longe dos pais e em um lugar desconhecido, recordo-me do medo que ela sentia ao sair de casa para ir à escola em um bairro distante e sozinha, principalmente quando passava por uma ponte . Tempos depois eu queria cuidar dela, era pequenina e magrinha, uma

criança que nem sabia tomar banho direito. Uma vez sua saudosa madrinha Salu foi visitá-la e lavou sua cabeça, fazia mais de mês que não era lavada. Assim a Luizinha, como era chamada por alguns familiares, foi crescendo, se fortalecendo, aprendendo a sobreviver e se defender. O que mais lhe deu forças foi saber que tinha um porto seguro, um lugar para voltar, ou seja, a casa de seus pais.

Mas a pequena Luiza não desistiu da caminhada e da busca por uma vida melhor. Como ainda era uma criança bem pequena, não conseguia fazer o serviço direito nessa casa, após um ano ou dois, não me recordo ao certo, foi devolvida para seus pais. Porque tropeçou em uma pedra e caiu, cortou o joelho e quebrou praticamente todos os pratos, após lavá-los em um jirau, no fundo do quintal.

Em pouco tempo uma conhecida que trabalhava na cidade como empregada doméstica, falou que sua patroa estava procurando uma babá. Logo fui e voltei a estudar na mesma escola, esta casa ficava mais próxima da escola. No início tudo era novidade e parecia maravilhoso. Foi nessa casa que vi televisão pela primeira vez, lavei louça em uma pia com água na torneira, tinha energia elétrica. Também foi a primeira vez que vi e participei das comemorações de Natal e Ano Novo com aquela família. E lá fui crescendo, me tornei mocinha e fui aprendendo a fazer todo o serviço de casa. Em troca eu ganhava um caderno para ir à escola, vestuário, às vezes usado, aprendi muito e nunca passei fome.

Nessa época já crescia em mim a vontade de vencer e de ser um ser humano íntegro e sempre estudar e estudar. Para mim a educação era meu passaporte para uma vida melhor.

Na década de 80, eu cursava o antigo ginásio, hoje conhecido como ensino fundamental II, trabalhava e morava na de uma casa de família já à alguns anos, para conseguir estudar. Durante o dia eu fazia todo o serviço de casa e à noite ia para a escola, tinha dificuldades em matemática, contudo amava história e geografia.

Durante meus estudos sempre fui muito bem, queria estudar mais e mais. Gostava muito de ler, mas não tinha muita opção de leitura, pois não possuía e nem tinha acesso a livros. Costumava ler romances em revistas como Júlia, Sabrina entre outras que pegava emprestadas. Eu viajava nas leituras e sonhava com um futuro melhor, por meio dessas leituras sempre me imaginei vencedora, pois, mesmo dentro de muitas dificuldades do cotidiano, eu fugia para um mundo próspero

e feliz, romantizado no meu imaginário. Foram muitos os desafios que enfrentei para estudar. Dentre as passagens que me marcaram, destaco um episódio ocorrido aos dezesseis anos de idade, quando eu cursava a sexta (6ª) série e trabalhava em uma casa onde eu fazia todo o serviço doméstico como: cozinhar, limpar, lavar, ajudar a cuidar de quatro crianças e ainda tinha que ajudar nas lições de casa das mesmas, as quais estudavam em um colégio particular, para à noite eu ir para a escola, após deixar o jantar pronto.

Em uma noite, a dona da casa entrou na cozinha e viu que havia sujeira embaixo do filtro de barro, que ficava em cima do mármore da pia.

Ela começou a limpar com a esponja de lavar louça e com sabão, enquanto reclamava muito. Diante daquela situação levantei a voz, acredito que pela primeira vez, respondi que eu não dava conta de fazer tudo sozinha. Ela, por sua vez, com a mão suja de sabão desferiu uma bofetada em meu rosto. Naquela hora ardeu muito na minha face, mas por muitos anos, doeu arduamente na minha alma.

Logo cedo no dia seguinte fui embora. Procurei emprego na casa de sua irmã, a qual encontrava-se doente e acamada, e por algumas vezes eu a ajudava fazendo marmitas para o almoço de sua família. Ao chegar lá, de imediato ela não queria me aceitar, em consideração à sua irmã. Mas como já me conhecia, sabia que eu trabalhava bem e era honesta, por fim, me aceitou e depois ficou grata por eu tê-la procurado.

Aquele “tapa na cara” foi uma virada na minha vida, pois deixei de trabalhar como “escrava” e passei a ganhar um pequeno salário com o qual realizei, de imediato, um grande sonho que era comprar uma calça jeans.

Além disso, o desejo imenso de vencer na vida e sair daquela situação de pobreza aflorou ainda mais. Naquele tempo era muito humilhante trabalhar como empregada doméstica, poucas pessoas as respeitavam, ou seja, eram constantemente humilhadas, desvalorizadas e discriminadas.

Aos dezoito anos de idade fui trabalhar na casa de um jovem casal na cidade de Oeiras, também no Estado do Piauí. Lá, pela primeira vez recebi um tratamento diferenciado. Em uma noite senti dor de dente. Os patrões levantaram-se na madrugada e me levaram ao pronto socorro.

O que mais me chamou a atenção foi que mesmo no meio de uma gestação delicada e que necessitava de repouso, a dona da casa levantou-se juntamente com

seu esposo, para irem me levar ao médico. Isso nunca tinha me acontecido, foi um gesto inesquecível para mim, pelo qual sou muito grata. Nessa época me senti respeitada e acolhida por aquela família, que guardo nas minhas memórias afetivas.

Como nem tudo é perfeito, eles vieram para a cidade de São Raimundo Nonato, para a casa dos pais dela, esperar o nascimento do bebê. Retornei para a casa dos meus pais.

Eu já tinha iniciado o magistério na cidade de Oeiras e senti medo de ter que parar de estudar, pois naquela época não existiam leis que assegurassem o transporte público e gratuito para os alunos que moravam distante da escola, benefício que entrou em vigor somente com a Lei de Diretrizes e Bases de 9394/96.

Cursar o magistério em São Raimundo Nonato- PI era meu grande desafio daquele momento, pois só havia turmas nos horários diurno, na Escola Normal Gercilio Macedo. Não seria possível trabalhar em alguma casa de família e estudar pela manhã ou tarde e fazer estágios no contra turno.

Entrei em desespero, pois sabia que trabalhar e estudar ao mesmo tempo não seria possível dentro daquele contexto. Diante da situação, meu pai que fala pouco com toda sua sabedoria nata e o desejo de me ajudar a realizar o meu sonho de continuar os estudos, recorreu ao outrora vereador, o saudoso Salvador de Matos Ribeiro do povoado São Lourenço do Piauí, para que ele permitisse que eu morasse na sua casa na cidade, juntamente com seus filhos, para estudar.

Concluir o magistério foi bem difícil, mas acredito que foi uma das fases mais produtivas dos meus estudos, em termos de rendimento escolar, desenvolvimento e aprendizagem.

O meu maior desejo sempre foi estudar, quando iniciei o segundo ano do magistério, consegui uma bolsa de estudos no Colégio Padre Marcos de Carvalho, do saudoso Professor José Lopes, em um curso técnico em contabilidade no período noturno.

Assim, enquanto cursava o magistério no período diurno e fazia estágios obrigatórios no contra turno, eu também cursava Técnico em Contabilidade à noite.

Minha luta foi árdua e constante para concluir os estudos. Durante esse período, era difícil me manter sem poder trabalhar, entretanto, meus pais moravam na zona rural, e sua fonte de renda vinha da agricultura e pecuária. Criavam alguns animais como: cabras e ovelhas. Cada filho tinha os seus. Pedi para vender os meus

animais para investir em mim e na minha educação, mas logo essa fonte de recurso acabou.

Com perseverança e confiança em Deus, eu sempre conseguia uma solução para continuar na caminhada e na busca de realizar o meu sonho.

No término do segundo ano do magistério, houve um amigo secreto na sala de aula e uma colega me presenteou com um kit de manicure. Com esse kit comecei a fazer o trabalho de manicure, com isso, passei a ganhar um dinheiro que me ajudou nos gastos e a me manter financeiramente, enquanto estudava.

Nesse contexto, faço menção a "Cortella" (2018, p. 69) que diz "A Sorte segue a Coragem" e que para isso é preciso ter foco. O foco era o meu horizonte e minha percepção.

Finalmente, chegou o tão sonhado dia da minha formatura como professora, essa era a realização de um sonho e a superação de tantos obstáculos e desafios, foi emocionante para mim e para minha família.

Eu não teria como participar da formatura sem a ajuda dos amigos. Foi então que a mãe de uma amiga, já formada, me emprestou a beca para a formatura, uma amiga me emprestou a roupa da missa de ação de graças celebrada pelo saudoso Bispo Dom Cândido, outra amiga emprestou a roupa da festa. Assim, me organizei para esse grande dia.

Na formatura poucas pessoas da minha família puderam ir ao cerimonial no clube (O Clubinho), pois, não dava para convidar todos. Estavam lá meu pai, minha mãe e duas irmãs: a Maria e a Valdirene, além da minha tia Joana e minha prima Valdenir. Entre minhas colegas e amigas estavam: Auristela, Nilvete Dias, Juçara e quase toda a turma de formandos, entramos com nossos padrinhos ao som da música de Milton Nascimento "Coração de Estudante", momento de muita emoção e inesquecível para mim. Tive como padrinho de formatura Biraci, esposo da minha amiga, Maria Bonfim, que acompanhou e me apoiou no final do meu percurso estudantil, na época ela grávida do seu primeiro filho. Neste dia eu precisava de um anel de formatura e como tudo foi preparado por Deus, minha amiga Raquel, já formada, me emprestou o seu.

Aquele era um momento muito importante para mim e toda minha família que mesmo de longe faziam parte dessa caminhada. Todos estavam contentes, no dia seguinte à noite, foram todos de surpresa na casa da localidade Oiti onde

morávamos. Lembro bem da alegria e da animação de todos, para celebrar aquele momento.

Além do meu tio do coração e saudoso tio Gabriel, que tocava violão, foram outros tios e primos que cantaram um animado reisado, já que era o dia 06 de janeiro, dia em que se comemora o Dia de Santo Reis. Isso ocorreu no dia 06 de janeiro de 1989. Foi um momento inesquecível, que todos participaram e comemoram comigo. Lembro com carinho da animação do meu tio Julião. Como naquela época não era fácil tirar fotos, não há registro desse momento tão especial.

Recordo-me, que eu usava uma saia branca simples e iluminada e que dançávamos e cantávamos. Eu estava feliz e muito grata a Deus e à minha família por aquela conquista.

Por ser uma das netas mais velhas da minha avó materna Dionísia Damasceno Ribeiro, fui a primeira a me formar naquela família. O magistério foi só a primeira das minhas formaturas. Atualmente, muitos membros da nossa família são formados em diversas áreas e são prósperos.

#### **4. O CONTEXTO DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Ao concluir o magistério em 1988, o curso técnico que me habilitou para atuar como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. No ano seguinte passei a trabalhar como professora na Unidade Escolar Malaquias Ribeiro Damasceno. Passei a lecionar em uma turma de primeira série, na mesma escola onde estudei e onde havia me sentido humilhada ao ter que voltar para a Cartilha (Pré-escola). Apesar de ser minha primeira experiência, quis ser uma professora diferente, autêntica e acima de tudo humana, que vislumbrava a formação integral do aluno, em seu processo de aprendizagem.

Minha primeira experiência no exercício do magistério foi boa, porém o salário era irrisório, quase insignificante, já que eu era apenas contratada pela prefeitura de São Raimundo Nonato-PI.

Ao finalizar o ano letivo, mudei-me para Brasília no final de 1989 em busca do meu sonho de cursar uma faculdade. Naquela época em São Raimundo Nonato não havia faculdades. Atualmente, existem universidades e muitos outros cursos.

Fui para Brasília com meu pai, que estava trabalhando lá como ajudante de pedreiro na construção civil e, em férias, foi visitar a família. Ao chegar lá fui acolhida pela minha avó Dionízia, pelo meu tio João e sua esposa, a saudosa Rosa. Procurei emprego, mas sem experiência foi bem difícil encontrar uma vaga. Rosa tinha uma prima, Aliene, que foi um dos anjos que Deus colocou no meu caminho, dona de um magazine e, com ela, consegui emprego. O meu primeiro salário foi o maior da minha vida até então. Lembro-me que comprei algumas coisas pessoais e mandei dinheiro para minha mãe.

Em janeiro de 1991, passei no vestibular para o curso de Geografia no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB). Naquela época era difícil passar no vestibular, mas cursei apenas um semestre e tranquei o curso, por falta de maturidade para continuar.

Em agosto de 1992, retornei para São Lourenço do Piauí, que estava em processo de emancipação para tornar-se município. Meus pais já tinham uma boa casa na cidade, mas passavam por um momento delicado com problemas de saúde. Cuidei deles e logo ficaram bons.

Em meio às lágrimas da minha mãe, viajei para São Paulo no dia 13 de outubro de 1992, onde fui morar com uma amiga, que me acolheu para dividirmos o aluguel e as despesas.

Dias antes de viajar, o vereador Salvador de Matos, que mencionei na minha época de magistério, que tinha sido eleito prefeito da recém emancipada cidade de São Lourenço do Piauí, foi até a casa dos meus pais falar comigo para eu ficar lá com a proposta de que eu teria um emprego em uma das secretarias da prefeitura. Mas o meu desejo de seguir em frente foi maior. Eu não sabia, mas em São Paulo o meu destino já estava traçado. Logo ao chegar consegui emprego.

No dia 15 de outubro de 1992 cheguei a São Paulo e conheci o Jurandi, aquele que seria meu presente de Deus. No dia 09 de outubro de 1993 nos casamos, desde então, seguimos a nossa jornada matrimonial batalhando juntos e superando muitos obstáculos financeiros, familiares, de saúde e sociais. Temos dois filhos, conseguimos nossa casa própria e constituímos nossa família.

Em fevereiro de 2001 iniciei o curso de Pedagogia, porém com poucas condições financeiras. Na ocasião recebi um dinheiro de uma pessoa para pagar uma compra que ela havia realizado com o meu cartão de crédito, embora a dívida

do cartão tenha aumentado e custado para ser liquidada, naquele momento a matrícula era mais urgente, então usei o dinheiro para ingressar na faculdade.

Durante o curso, alguns colegas me ajudaram muito. Como na época eu não tinha computador, elas digitavam meus trabalhos e imprimiam, além de me ajudarem com a doação de roupas.

Quando eu estava prestes a desistir do curso por não ter dinheiro para liquidar as parcelas e renovar a matrícula do próximo semestre, uma colega pagou quase todo o semestre para que eu pudesse fazer a matrícula e continuar com o curso.

Em princípio, ela disse que seria um empréstimo, porém ao finalizar o curso, pedi o número de uma conta para quando eu tivesse o dinheiro para fazer o pagamento, ela me disse que era um presente. Chorei muito e mais uma vez, senti muita gratidão.

No curso de Pedagogia aprendi muito, especialmente que existem seres humanos altruístas e excepcionalmente maravilhosos.

A Pedagogia foi mais que um certificado de licenciatura, foi uma construção do ser humano aprendente a partir do olhar e do ouvir o outro, na construção ativa da escuta e da busca pelo conhecimento.

No término do curso, não tive condições financeiras para participar da festa de formatura. Todavia o dia da colação de grau foi um momento especial, pois lá estavam, além das minhas colegas ou meus anjos, que conheciam e participaram da minha luta, o meu marido e os meus filhos, ainda pequeninos. Foi um dia muito feliz e de muita gratidão.

## **5. COMO ME TORNEI UMA PROFESSORA CONTADORA DE HISTÓRIAS**

O primeiro incentivo para me tornar uma professora contadora de histórias veio da mantenedora de uma escola particular, onde trabalhei quando cursava pedagogia. Ao me ver contar histórias para as crianças, ela me falou que eu o fazia muito bem e perguntou se eu já havia feito cursos.

A partir daí, comecei a resgatar minhas memórias e me lembrei da minha mãe contando histórias ao luar, na nossa humilde casa no sertão nordestino.

Brevemente, trouxe para minhas práticas pedagógicas essa arte de contar histórias, buscando seguir em frente na minha profissão e estudando para me qualificar e otimizar essas práticas.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de história, geografia, filosofia política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Concordo com a afirmação de Abramovich e por isso acredito nas histórias para viajar pelo o universo para desbravar novos saberes. Por acreditar fortemente na história como universo do conhecimento e da descoberta, nunca parei de estudar.

Alguns anos após a conclusão do curso de Pedagogia, iniciei uma pós-graduação em Educação Infantil na Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU. Na matriz curricular desse curso, havia a disciplina Contação de histórias. Essa disciplina me encantou e me despertou, ainda mais, o gosto por essa prática.

A arte de contar histórias borbulhou na minha mente e mesmo andando devagar cheguei à tão almejada pós-graduação “A Arte de Contar Histórias”, n’A Casa Tombada - Lugar de Arte, Cultura, Educação.

Em uma disciplina da pós-graduação, tive como professor o escritor Marco Haurélio, que, em seu livro Contos Folclóricos Brasileiros, conta a história de Guime e Guimar. A mesma história que minha mãe contava, quando eu era criança nas noites de lua clara, na casa do Oiti, com uma versão um pouco diferente.

Da boca para o ouvido, de geração em geração, a tradição é preservada. Das reuniões em volta da fogueira, em tempos recuados, às rodas de “contação” de histórias na sala de aula, o conto popular sobrevive à era tecnológica. As pessoas, aos poucos, vão redescobrimdo a beleza da simplicidade naquilo que o estudioso alemão Heinrich Zimmer define como alimento espiritual dos povos. (HAURÉLIO, p.40)

E nessa troca todos saem ganhando, pois o hábito de contar histórias é mais do que a mera interação. Nessas rodas de histórias nos apropriamos de muitas aprendizagens com lições de vida e valores como honestidade, amor, coragem, lutas e fé.

Nesse curso de pós-graduação aconteceu algo incrível na minha vida, como se fosse um encontro comigo mesma. Lá fui vista e ouvida pelo outro e por mim.

Encantei-me com o curso, os professores, os cursistas e tudo que havia na Casa Tombada.

A caneca de esmalte colorida para tomar café, o filtro de barro, a rede e a energia boa daquele lugar e das pessoas que me acolheram e me fizeram querer voltar logo para a próxima aula. Foi um mergulho nas minhas memórias e um resgate de mim.

Para educarmos um ser humano, convém saber o que queremos que ele se torne. É necessário indagar para que vivem os homens, ou seja, qual é a finalidade da vida e como ela deve ser. Nós, pais e educadores, devemos estar atentos às mudanças sociais questionando sobre a natureza do mundo e os limites fixados “para o quê” e “para que” saber e fazer (ROSSINI, 2008, p.8).

No curso “A arte de contar histórias”, fiz um resgate de memórias da minha infância para um contexto de emoções e experiências em minhas práticas pedagógicas.

Um dos professores do curso, Giuliano Tierno, ao me ouvir contar a minha história ficava inquieto na sua cadeira e aquela escuta e leitura de mim encorajaram-me a escrever sobre quem fui e um pouco de quem sou, demonstrando o quão importante é a contação de histórias para o desenvolvimento do ser humano.

No intervalo de uma aula, após ouvir um pouco da minha história, uma colega me falou que gostaria de ter uma história bonita como a minha para contar. Até então, eu tinha vergonha da minha história e procurava escondê-la das pessoas. Falei pra ela que era uma história muito sofrida e que não foi bom passar por tudo o que passei.

Para Castello Branco, (2017, p.233):

A escritura está, então, próxima da experiência, daquilo que nos tira do esconderijo, daquilo que sentimos quando sofremos o mundo, dos nossos incômodos, quando, por instantes, nos pusemos distraídos e nos deixamos arrastar por um sorriso feroz, e passamos a nos ver dentro da coisa amada, e somos amados pelo amor. Escritura é essa teimosia em ser capturado pelo que é errante, em tentar fixá-lo e que sempre nos escapa.

Dentro dessa fala me vejo expressando a minha experiência, saindo do esconderijo dos meus incômodos, me libertando dos meus medos e contando segredos.

A contação de histórias me fez superar as limitações e transformar o que me fez sofrer por muitos anos em algo merecedor de reconhecimento e de superação pessoal e profissional.

Além disso, permitiu-me fazer um paralelo entre as limitações e a timidez, a coragem de lutar e seguir em frente, os sonhos e os objetivos, resgatando a autoestima e buscando a valorização pessoal e o reconhecimento profissional no campo em que atuo.

Nesse contexto de exteriorização das minhas angústias e recordações, lembrei-me do *tapa na cara*, como forma de resgate desse sentimento tão íntimo e dolorido. Senti o desejo de partilhar a minha história de vida, que tem forte relação com a contação de histórias, tanto na minha infância, quanto na minha vida profissional. “*O que a memória ama fica eterno*”, aqui a autora Adélia Prado.

## **6. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Depois de alguns anos fora da sala de aula, voltei a exercer o magistério, porém não foi fácil o recomeço. Após entregar muitos currículos e ter muitas recusas, uma escola de educação infantil necessitava de uma professora com formação para assumir a sala do berçário e me contratou. Essa experiência não foi das melhores, pois com dez anos longe da sala de aula, me faltava experiência. Naquele momento, entretanto, nasceu minha paixão pela educação infantil, com uma intensidade e um enorme desejo de construir o “inédito-viável”, de Paulo Freire, pela educação. Desde então, só trabalhei com a educação infantil.

O termo inédito-viável é oriundo de FREIRE (2013. p. 90) e pode ser visto como superação das situações-limite. Esses inéditos representam a concretização de sonhos que no passado eram tidos como impossíveis, mas no presente, ao adotar uma segunda postura crítica de ação transformadora, são encarados como possibilidades que viabilizem, portanto, a análise crítica da realidade a partir de ações coletivas.

É a “leitura do mundo” exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das “situações-limite”, além das quais se acha o “inédito viável”.

Seguindo essa trajetória, consegui emprego em outra escola e em meio à minha pouca experiência, o que me garantiu permanência foi a prática de contar histórias.

Após uma tarde difícil, a mantenedora chegou até mim e me parabenizou pela bela contação de história e, a partir dessa observação, comecei a investir nas minhas memórias da minha infância, como também, ler mais e estudar diferentes maneiras de contar essas histórias.

Desde então, nos meus planejamentos pedagógicos a contação de histórias passou a ser essencial.

Em outra escola, durante o curso de férias, me vesti de vovó e sentada em uma cadeira de balanço fazia uma colcha de retalhos. Estava encenando a Dona Benta do Sítio do Pica-pau Amarelo. Em seguida, fiz bolinhos de chuva com as crianças. Foi uma experiência muito valiosa com a participação das crianças.

Já em outra escola, fui registrada pela primeira vez como berçarista - antes eu trabalhava sem registro e, posteriormente, tive o meu primeiro registro de professora de educação infantil. A partir disso, no meu trabalho como professora e nos meus planejamentos, sempre incluí essa prática como parte principal de minhas práticas pedagógicas.

Trabalhei em uma creche conveniada (CEI) na qual atuei como coordenadora, onde aprendi muito com a diretora, a quem tenho como uma amiga muito querida. Nesse período também, pude adotar como prática pedagógica a contação de história para as crianças.

Nessa caminhada sempre tive como objetivo passar em um concurso público para professora. E passei! Em um sábado abençoado recebi um telegrama da prefeitura de uma cidade da grande São Paulo, me convocando para assumir o cargo de professora em uma escola de educação infantil.

Nesse lugar onde amo trabalhar e gosto muito da proposta da rede, a contação de histórias se fortaleceu em mim e passou a fazer parte do meu cotidiano escolar.

Em meio a muitas formações oferecidas pela secretaria de educação, sempre agrego a contação de histórias aos meus estudos e práticas pedagógicas, participando também de alguns eventos escolares.

Nesse percurso fui construindo um caminho com novas experiências, vivências, aprendizados e me fortalecendo com coragem, destaque e brilho.

A pureza da saia branca que menciono na comemoração da formatura do magistério, expressava naquele contexto uma grande vitória e era singular para mim e minha família.

Com o passar dos anos veio a saia “pedagógica”, colorida e outras em chita, bem grandes e rodadas, as quais eu mesma confeccionei, usadas nas contações de histórias, brincadeiras e também em algumas danças com as crianças.

Em outro momento, vesti a saia de retalhos, trazendo mais formatos e alegria para a contação de histórias, pois, além de muitas cores, ela traz mensagens que escrevem minha história e minha trajetória em seus retalhos. Nesse longo percurso de professora e contadora de história colhi e ganhei flores.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao escrever este memorial pude me remeter a um mundo de reencontro, de imaginação e de superação.

Este memorial, além de resgatar minha história, me fez ratificar a idéia de que a contação de história pode mudar o mundo infantil, estimulando a imaginação das crianças para um território interior onde só elas têm a chave, a qual pode levá-las e trazê-las de volta de uma realidade construída. É essencial para estimular o conhecimento, a curiosidade e os sonhos.

Este trabalho objetivou mostrar o quanto a contação de histórias é essencial para a educação infantil e o quanto ela contribui para o desenvolvimento intelectual das crianças e a criação de perspectivas igualitárias.

Embora muitas escolas não ofereçam subsídios, é necessário que o contador de histórias infantis seja dinâmico, criativo e entenda as técnicas para que o ouvinte se prenda ao mundo da imaginação.

Para tanto, o professor pode adquirir técnicas por meio de suas próprias vivências, como também por meio de pesquisas, a fim de fazer com que o ouvinte sinta-se parte daquelas histórias.

Por fim, a contação de histórias é a substancia viva da vida, na casa corpo de quem narra e vive ou viveu a história contada, por meio de sua oralidade literária, corporal e que permite trabalhar causas sociais, configurando como um meio para penetrar na realidade, imaginação e desenvolvimento de cada criança.

“E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós”.(PIZZIMENTI, 2013).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CASTELO BRANCO, Angela. **[A Voz d'A Casa]: quem escuta**. Disponível em: <https://acasatombada.com.br/a-voz-da-casa-quem-escuta-angela-castelo-branco/>. Acesso em 17/08/2021.

CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher e a escrita**. Rio de Janeiro: Casa - Maria Editorial, 1989.

CORTELLA, Mario Sergio: **A sorte segue a coragem**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2018.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 51. ed. Paz & Terra, Rio de Janeiro, 2021

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança [recurso eletrônico]: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HAURÉLIO, Marco. **Contos folclóricos brasileiros**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou de retalhos, pedacinhos...** Disponível em:  
<https://www.pensador.com/frase/Mtk5NTA1Mg/>. Acesso em 17/09/2021.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 88. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2010.

ROSSINI, Maria Augusta S. **Aprender tem que ser gostoso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25ª ed.  
Petrópolis: Vozes, 2014.